

KWA YEPÉ



TURUSÚ

YURIRI



ASSOJABA

TUPINAMBÁ





# KWÁ YEPÉ TURUSÚ YURIRI ASSOJABA TUPINAMBÁ

*Este projeto foi contemplado  
pelo Prêmio Funarte  
Artes Visuais 2020/2021 com  
itinerância em Porto Seguro-BA*

## ESSA É A GRANDE VOLTA DO MANTO TUPINAMBÁ

### **exposição do projeto:**

Os artistas viajantes europeus e o caso  
dos mantos tupinambás nas cidades do  
Rio de Janeiro e Porto Seguro

#### curadoria:

Augustin de Tugny  
Glicéria Tupinambá  
Juliana Caffé  
Juliana Gontijo

#### artistas:

Edimilson de  
Almeida Pereira  
Fernanda Liberti  
Glicéria Tupinambá  
Gustavo Caboco  
Livia Melzi  
Rogério Sganzerla  
Sophia Pinheiro

GALERIA  
FAYGA  
OSTROWER /  
FUNARTE BRASÍLIA

16/SET a 17/OUT/2021  
www.funarte.gov.br

CASA DA  
LENHA/  
PORTO  
SEGURO

28/OUT a 27/NOV/2021



agradecimentos:

**Aldeia tupinambá da  
Serra do Padeiro**  
Carolina Câmara  
Dilza Bransford  
Erúthawā da Silva Santos  
Larissa Mundim  
Maria da Glória de Jesus  
Nathalie Le Bouler Pavelic  
Ory Tupinambá Jesus da Silva  
Rafael Moretti  
Rosemiro Ferreira da Silva  
Rosevaldo Ferreira da Silva -  
cacique Babau  
Rosângela Pereira de Tugny -  
Poéticas ameríndias

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

|           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|-----------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| K98       | Kwá yepê turusú yuriri assojaba tupinambá: essa é a grande volta do manto tupinambá / Augustin de Tugny...[et al.] ; coordenado por Juliana Caffê, Juliana Gontijo ; traduzido por Yaguarê Yamã Aripunãguá ; ilustrado por Gustavo Caboco. - São Paulo : Conversas em Gondwana, 2021.<br>92 p. : il. ; 20cm x 20cm. |
|           | Inclui índice<br>ISBN: 978-65-00-32109-8                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|           | 1. Arte - Brasil. 2. Manto Tupinambá. 3. Glicéria Tupinambá. 4. Assojaba Tupinambá. I. Tugny, Augustin de. II. Tupinambá, Glicéria. III. Caffê, Juliana. IV. Gontijo, Juliana. V. Aripunãguá, Yaguarê Yamã. VI. Caboco, Gustavo. VII. Título.                                                                       |
| 2021-3895 | CDD 709.81<br>CDU 7(81)                                                                                                                                                                                                                                                                                             |

Elaborado por Odílio Hilario Moreira Junior -

CRB-8/9949 Índice para catálogo sistemático:

1. Artes do Brasil 709.81
2. Artes do Brasil 7(81)

## ÍNDICE / ĪDISI

|                                                                                                |    |
|------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Essa é a grande volta do Manto Tupinambá<br>Kwa yepê turusú yuriri Assojaba Tupinambá          | 4  |
| O nheengatu<br>Nheegatú                                                                        | 13 |
| O povo tupinambá<br>Mira-eta tupināba                                                          | 15 |
| Glicéria e a Comunidade da Serra do Padeiro<br>Gliceria açuí kumunidadei Serra do Padeiro yara | 16 |
| O manto é feminino<br>Assojaba i kunhāwara                                                     | 18 |
| Os encantados<br>Īkātara-eta                                                                   | 27 |
| A volta histórica dos mantos tupinambás<br>Iwiri mēbāuçawara assojaba Tupināba                 | 30 |
| Os rituais antropofágicos<br>Rituawa-ita mira-uawawara                                         | 45 |
| Obras<br>Arti muraki                                                                           | 46 |
| Exposição<br>Mukamēçawa                                                                        | 72 |
| Artistas<br>Artista-eta                                                                        | 82 |
| Equipe curatorial<br>Ayuri Kuraturiawara                                                       | 86 |
| Índice de imagens<br>Çāgawa-eta ĩdisi                                                          | 88 |



# O MANTO É FEMININO ASSOJABA I KUNHĀWARA



Gilcéria Tupinambá

O manto foi um presente, ele é um presente.  
Os mais velhos falavam do manto e temos um canto  
aqui na Serra do Padeiro:

Tupinambá subiu na Serra  
Todo coberto de pena  
Ele foi, mas ele é  
É o rei da Jurema

Quando o canto diz que o Encantado Tupinambá  
estava todo coberto de penas,  
é descrito o manto.

Sempre achei que nossa cultura era um pote, um  
pote inteiro que jogaram num lajedo e que voou  
em caquinhos por todos os lados e que tínhamos  
que fazer esse trabalho de mosaico, de juntar os  
caquinhos e colar de novo. Vai ser o mesmo pote,  
mesmo que rachado, mas isso não importa.  
Vai ser ele mesmo, vamos tentar trazer esse pote.

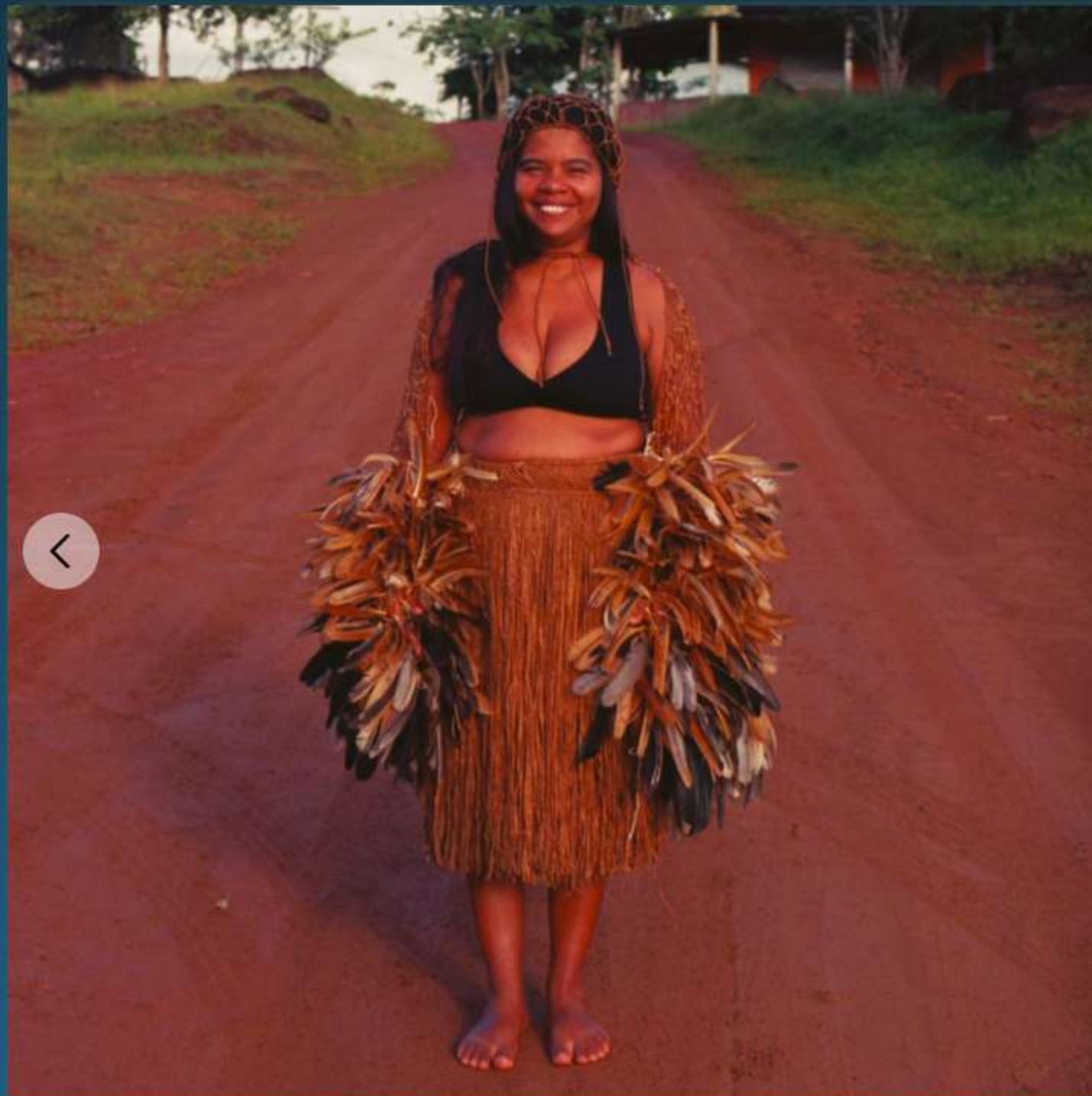
Assojaba i muputawaçawa, ae muputawaçawa  
Kuxiimawara eta unhēwera assojaba reçewara çui  
yarikú yepé kātu iké'pe Mlapeçara iwitera upé:

Tupinábá uyupiri lwitera arupi  
I opaí pupeka pepó reçé  
Ae usó, má ae aé  
Ae Yurēma muakara

Mairamē yēgaçawa unhēē ki Īkātara Tupinábá  
upitá'ana pupeka opaí pepé reçé, i kuartara assojaba

Tēnhē amaité ki yāné rikuçawa iwera kamuti, kamuti  
teipau ki taumuwari itapewa upé açuí ki uwewé'ana  
kaku yawé ruaké rupí açuí ki yarikú'ana ki yamunhā  
kuá muraki musaiku yara, i uçanhana kaku eta mirí  
açuí muesika amū ruē. Upitá kuri tenhé kamuti, kuaye  
ki i pena, má yawá ti uipurtari. Upitá kuri ae tenhé,  
yaçaá kuri yayuiri kamuti





Eu tinha esse sentimento e decidi fazer um presente para os Encantados, meu primeiro desejo foi de um presente para Ele, o Encantado Tupinambá. Pensei em fazer um novo manto. Mas não tinha informações, não tinha nada.

Conversei com meu pai: "Painho, como que faz isso? Como que faz um manto? Ele tem trama, ele tem isso para pendurar as penas?"

Meu pai respondeu: "Olha, você deve fazer a trama com agulha, sei fazer a agulha."

Pai fez a agulha para mim, ajeitou o cordão e explicou. Isso foi em 2006.

Quando a imagem do manto Tupinambá da Dinamarca nos foi apresentada, estávamos começando a fazer a malha do primeiro manto. Todo mundo admirava a cor, a beleza, mas eu não. Fui lá procurar a trama, para saber se eu estava no caminho certo.

Na hora de colocar as penas, não tínhamos penas suficientes, então catamos dos patos, dos gansos, quase depenamos o pavão, saímos todos catando as penas de todos os bichos e recolhendo. Deu sorte que foi no período certo em que as penas estavam maduras<sup>1</sup>.

Isso foi para a festa de São Sebastião<sup>2</sup>, conseguimos que ele fosse pronto para apresentar ao Encantado, vesti-lo, colocar nos ombros dele. Foi o pajé que recebeu o Tupinambá, eu o presenteei com esse manto e foi muito bom.

Fiz, então, esse pedido para Tupinambá: que conseguíssemos recuperar nossa cultura, nossos fazeres, recuperar nossos trajes e tudo.

E ele respondeu: "Tudo tem seu tempo".

Ele diz que não me preocupasse, que tudo viria a seu tempo e que conseguiria fazer. Tudo viria, tudo aos poucos viria e eu iria chegar lá. Ficou muito bonito, felizes cantamos.

E os Encantados me deixaram com o compromisso de realizar mais três mantos. Três!

Falei: "Pronto, tá bom. Faremos! Se tiver que fazer, eu faço com a maior alegria".

Dai para cá, eu não consegui fazer mais nenhum manto. Eu tinha vontade, mas não conseguia avançar. Ficava só pensando, tentava, mas não conseguia ir para frente. Foi quando tive a possibilidade de viajar para França, e lá descobrir um manto tupinambá no *musée du quai Branly*, em Paris. Conseguimos chegar na reserva do museu. A conservadora nos

<sup>1</sup> Todas as aves mudam regularmente de penas. Quando as penas estão prontas para cair, se diz que estão maduras e podem ser recolhidas sem machucar os pássaros para realizar a arte plumária. Essas penas maduras têm maior resistência ao tempo e aos insetos.

<sup>2</sup> A Festa de São Sebastião é a principal festa da aldeia da Serra do Padeiro que abre o ano.



Ixé arikú kuá sãágawa açuí adesidí amunhã yepé muputawaçawa Ìkátara eta çupé, çe mutawa ae mēē muputaçawa i xupé, Ìkátara tupinãbá. Amayté amunhã yepé assojaba pisaçú. Má ti aikú kúyeçeriçawa, ti arikú ìtimaã.

Amurúgítá'ana çe paya irúmu: "Çe paya, mãã taá munhã yawá? Mãã taá yumunhã assojaba? Ae urikú trãma, ae urikú yawá piri uyatikú pepó etá?" Çe paya uçuaxari: "E-mãã, ìdé repurã remunhã trãma awí irúmu, amunhã akuau awí." Papá umunhã'ana awí ixé arã, umukaturú gatió açuí unhēē. Yawá umereçé 2006 upé.

Mairamē assojaba tupinãbá rãgawa upitã'ana mereçewa, yayupirú yaikú yepéwara assojaba malia. Opaí mira uadimirari kori, purúgaçawa, mã ixé, ãã. Asó'ana asikari trãma piri akuau si aikú apé çupi Kuriwara upé piri muapika pepó eta, ti yarikú pepó setá, aramē yakatari ipeká eta çuí, gãçu çuí, çerané yadepenari pawãu, yasēmu pãnhé etá yakatari yaikú wirá eta pepó açuí yapou yaikú. Katú yãçé pepó imutuí [1]

Yawá i munhãwã Sãu Sebastiãu dabukuri çupé [2], yakúsegiri ki ae upitã mugaturuwa piri umukamē Ìkátara çupé, umúdéu ae, ukurukari i apá gapira.

Payé ki ukaripuãmu'ana Tupinãbá, ixé amuputawa ae kuá assojaba irú, açuí ikatu reté.

Amunhã'ana aramē kuá yeruréçawa Tupinãbá çupé: ki yakúçegiri rekuperari yãné rikuçawa, yãné munhãgawa, yarekuperari yãné mūdewa açuí opaí. Açuí uçuaxari: "Opaí urikú i kupuça" Ae unhēē ki ixé ti amupiriaka, ki opaí uyuri i kupuça upé açuí ki akúsegiri amunhã. Opaí uyuri açuí ixé asuka ape.

Upitã'ana purãga retãna, yãdé ruri yayēgari Açuí Ìkátara eta tauxaari ixé kúpurumisu irú piri amunhã muçapí assojaba piri. Muçap! Nhēē: "Ikátú, ikatu reté. Yamunhã assojaba eta! Si purã munhã, amunhã çuriçawa irú. Ape çuí iké kiti, ixé ti akúçegiri amunhã nēyepé assojaba. Arikúwera mutawa, ma ti akúçegiriwera asegiri wãna'pe. Açuí arikú puderçawa piri putasí Warãça kiti açuí, ape awaçēmu yepé assojaba tupinãbá Kuá Branly muçewa upé, Parixi upé. Yakúçegiri yasika muçeuwa reserwa upé. Kúçerwaçara ukaripuãmu yãdé açuí yapuderi yauiké sala upé mamē taumukamē assojaba yãdé. Pãnhé kuá kupuça pukuçawa muçewa upé aikúwera katukiri, mã kuriwara ki upirari ukena kasikirari açuí asó piri amaã assojaba, upareçeri ki awá uçarú uikú ixé. Ki uikú uçarú ixé açuí ki uputarí unhēē ixé irú.

[1] Pãnhé wirá eta usinimuka i pepó tēnhē. Mairamē pepó i mugaturú piri uvari, yunhēē ki umadura açuí upuderi upitã pouwa maxukariima wirá piri umunhã arti pepowara. Kuá pepó madura urikú waçú resistēsia tēpu pukuçawa açuí içetu eta reçé.

[2] Çãu çebastiãu dabukuri i waçupiri Serra do Padeiro tawa ki uyupirú akayú

recebeu e pudemos penetrar na sala onde nos foi apresentado o manto. Durante todo esse tempo de descida no museu, eu estava tranquila, mas na hora que abriu a última porta e que fui em direção ao manto, parecia que tinha alguém me esperando. Estava me esperando e queria falar comigo. Era uma energia muito boa, uma coisa como saudade de quem estava ali me esperando. Fui olhar o manto, ver a trama, as penas, de onde vinham as penas. Vi que havia penas de periquito, penas de arara, havia de outras aves, porém na maioria eram penas de guará. E também penas muito parecidas com o pássaro que aqui chamamos alma-de-gato. Fiz essa percepção das penas e cheguei na malha. Vi que era de algodão e eu lembrava das mais velhas que faziam a linha de algodão, a linha de tucum; elas faziam no fuso e usavam a cera de abelha para dar mais resistência. Eu vi essa característica e senti a força e a presença feminina. Lembrava muito da minha madrinha. Eu vi uma mulher idosa, sentada e conseguia vê-la tecendo. E tive certeza, isso é o mesmo ponto do jereré<sup>3</sup> e minha madrinha tem esse ponto, tem na minha aldeia, o povo ainda faz isso e com esse ponto eu consigo tecer o manto.

Eu sentia uma presença muito forte das mulheres, uma presença feminina, de uma anciã, dentro da

aldeia. Senti que os mantos eram feitos por mulheres. E mulheres muito sábias que detêm um grande conhecimento. Esta energia feminina, eu tenho desde esse lugar, do fazer. Tem um conhecimento feminino Tupinambá que organizava a vida das mulheres, e lida com o corpo, com a terra.

E depois, há uma comunidade que se estabelece ao redor do fazer do manto, que junta de novo as partes do pote quebrado. São os meninos da aldeia que vão redescobrir como extrair o mel e a cera das abelhas na mata para poder encerer a linha. É o retorno das aves nas matas e a possibilidade de capturá-las, nomeá-las e delas tirar as penas quando maduras. São os saberes dos mais velhos, das avós, das madrinhas, dos sábios que voltam a ser escutados, observados e colocados em obra. É a retomada das falas, das palavras antigas que surgem ao redor do manto e que reencontram a língua do povo. É um território sendo retomado e plenamente vivenciado com o retorno das matas e a força dos Encantados.

<sup>3</sup> Rede de pescar cônica.



Aewera enerjia katu retāna, yepé maé mayé mamiara. Asó amaã assojaba, amaã trāma, pepó eta, mamē çuí uyuri'ana pepó eta. A maã ki aikué parawari pepó, arara pepó, amū wirá pepó, mari aikué piri guará pepó kuaye. Açuí pepó eta maié retāna wirá yará ki iké yanhêê "pixana rāga". Amunhã kuá perçepiçãu pepó eta yara açuí asika'ana malha kiti.

Amaã ki aewera amaniū açuí amāduari tuywé eta ki umunhāwera amaniū nimū, tukū nimū, taumunhāwera kutú açuí taupurú iramāya iratí piri mēê resistēsia piri. A maã kuá karakiteristika açuí açãã kiribawaçawa açuí xukuyaçawa kunhāwara. Amāduari retāna çe mayāgara. Amaã'ana yepé kunhã tuywé, açuí akūçegiri amaã ae uteçeri. Açuí arikú eréçawa ki aewera yakaré pōtu [3] açuí çe māyagara urikú kuaye pōtu, ki kuá pōtu urikú çe tawa upé. Mira tapuya raí umunhã yawá...akūçegiri yuiri ateçeri assojaba.

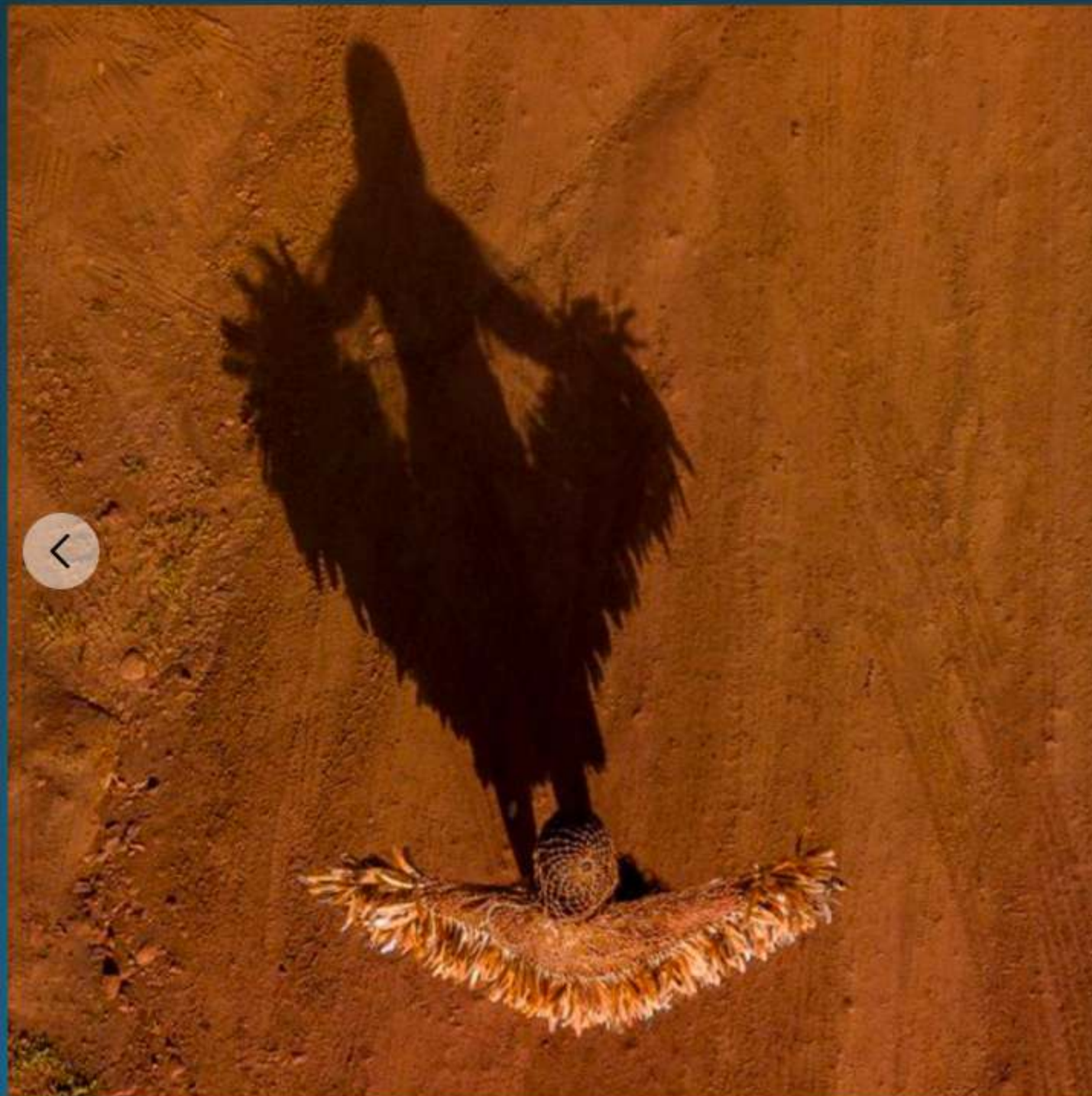
Açããwera yepé kunhã etá xukuyaçawa retāna, yepé kunhāwera xukuyaçawa, kunhã tuywé yara tawa pupé. Açãã'ana ki assojaba imunhāwa kunhã eta reçé. Kunhã eta sábiu retāna ki taurikú yepé kuyeçeriçawa retāna. Kuá enerjia kunhāwera arikú kuá tēdawa çuí.

[3] Pisasipa konika

Aikuá yepé kōyeçeriçawa kunhāçawa Tupinābá ki ukumuçawa kunhã ta rikuwé, açuí ulidari piira irū, lwi irū... Açuí ariré... aikué yepé tawa ki upitari assojaba munhāgawa ruaki ki uyūtari amū ruê kamutí pena çuaxara. Kurumí eta tawa yara ki ukōyeçeri mayé munhã iramaya arati ira kaaçawa upé piri puderi içerari nimū. Ae wirá eta returnu kaaçawa upé açuí puderiçawa piri uñbiá aítá açuí içuí tirari pepó eta madura riré. I tuywé eta kōyesimētu, amuyã etá yara, mayāgara eta yara, 'sabiú etá ki uyuíri upitāna çēduwa.







## OS ENCANTADOS

Na criação da humanidade, só existia o Velho. Ele caminhou até cinco árvores que eram irmãos, cada uma de uma cor: Muçutalba, de cor vermelha; Braúna, de cor preta; Bribá, de cor amarela; Jenipapo, de cor branca; Ipê, de cor lilás. Elas doaram para o Velho um galho, e ele, com seu cajado, esculpiu a primeira humanidade e deu o sopro da vida. Então aquelas pessoas passaram a dar toda a atenção ao Velho: o recebiam com festa, sempre lhe ofereciam uma rede para pernoitar, choravam e pediam ajuda, e assim o Velho se sentia satisfeito com sua criação.

Um dia, o Velho viu que tinha algo diferente ao chegar na aldeia. As pessoas não o procuravam mais e não lhe ofereciam a rede, não pediam mais conselhos. Então o Velho sentiu algo novo, pois aquelas criaturas tinham despertado nele a ira e o sentimento de vingança. Decidiu exterminar aquela humanidade. Mas havia um ser da sua criação que nunca tinha deixado de clamar por ajuda, era o Pajê Irá (Pajê do Mel). Sendo assim, o Velho o colocou em um lugar a salvo dentro da serra mais alta e começou a destruição com bola de fogo caindo e tudo sendo devastado.

O Pajê do Mel ficou muito triste e falou para o Velho que seu desejo era ter sido destruído com seus irmãos, pois estava só. Então o Velho foi mais uma vez nas grandes árvores sagradas e pediu que lhe dessem um galho, cada um de uma cor diferente. Com ajuda do seu cajado, esculpiu a mulher, e disse para o pajê que, daquele dia em diante, a criação da humanidade não sairia de suas mãos.

Aqueles que foram destruídos pela ira do Velho, como o sopro da vida pelo Velho, que é eterno, existem até hoje sobre a terra. A eles damos o nome de Encantados: uns são da luz e outros da escuridão. Daí surge Tupã para guiar, ouvir e ajudar a humanidade; e o lugar onde ficou protegido o Pajê do Mel se tornou a terra dos nossos antepassados e o reino dos Encantados.

Assim, segundo a cosmologia tupinambá, nós viemos das árvores. Isso é fácil de comprovar. Basta olhar para nossas mãos, na ponta dos dedos temos digitais que são as linhas das árvores.

[Glicéria Tupinambá]



## ĪKĀTARA-ETA

Mira-etaçawa munhāgawa umeā aikué Tuywé. Ae uwatá té waxiní imirá ki uwera çamó, yepé biú yepé kori irú: Muçutaiba, ki urikú kori pirāga; Braūna ki urikú kori pixuna; Biriba, ki urikú kori yúwa; Jenipapa, ki urikú kori piñiga açul ipé ki urikú kori xóbbika. Taumē tuyuwé çupé yepé imirá çakāga açul ae i kayara irú umukuatiari yepewara mira-etawara açul umēā rikuwé peú. Aramē nhaā'eta mira umēā ataçāu pānhé tuywé çupé: taukaripuāmu puraçeya irú, tēnhē umēā ixupé yepé makira piri ukeri, uyaxiú açul uyeruré pitimōçawa, açul kuayé tuywé upitari purāga i munhāgawa.

Yepe ara upé, Tuywé umaā'ana ki urikú maé āmurupi mairamē usika'ana tawa upé. Mira-eta ti usikari wera piri ae açul tumēā makira piri, ti uyeruré imūgetaçawa piri. Aramē Tuywé uçāā maé piçaçú yāçé nhāā-eta munhāpira udespertari ae ué piaywaçawa, aramē udesidiri umupawa nhāā mira-eta. Má aikué yepé maé imunhāçawa yara ki ūbā uxaari uyeruré tuywé pitimōçawa, irera Payé Irá (Íra payé – "pajé do mel"). Açul tuywé umburi ae yepé tēdawa purāga upé, iwitera gapira upé açul uyupirū'ana umpawa. Umunhā tata piā açul uyugari iwi rupí.

Pajé do Mel upitá çasiara retāna açul unhā'ana Tuywé çupé ki uputariwera yuiri upitá ipawāna i kibira irú yāçé uikúwera nhōtu. Aramē Tuywé usó yepé rué piri imirá açú tupanawara kiti açl uyeruré ki umēā amōamō-eta imirá rakāga yepé beū kori āmurupi irú. I kayara pitimōçawa irú, umukuatiari yepé kunhā açul unhāē payé çupé ki mira-etawara munhāgawa ti uçēmu ipó çul.

Nhāā-eta ki i ipawāna Tuywé piaywaçawa reçé, mayé rikuwé peú uyuri Tuywé çul tēnhāçara aikué té uye Ará gapira.

Añā çupé anhāē Īkātara: amōamō-eta werawa yara amō-eta unaçawa yara. Aeçul uyuri Tupāna piri ugiari, uçēdú açul upitimō mira-etawara açul tēdawa mamē upitari Pajé do mel (Íra payé) usinimuka yāné kuxiima retāma açul Īkātara mukaretāma. Kuayé, kusmulujia tupinābā reçēana, yādē yayuri'ana imira-eta çul. Yawa ae ĩiwaçú kōpruwari çupé. Merē xipiaka yané pó, yané dedu apira, yarikú dijitawa – yawá imirá-eta nimū.

[Glicéria Tupinambá]

